

ENSINO, INVESTIGAÇÃO E EXTENSÃO NO ENSINO SUPERIOR EM ANGOLA, CASO ISCED DE LUANDA

AFONSO NKUANSAMBU¹

Resumo

A Universidade é um espaço autónomo e distinto com propósito de fabricar saberes, desenvolver e/ou corrigir axiomas; analisar, interpretar e compreender os diferentes fenómenos sociais e propor soluções para o desenvolvimento social. O ISCED é uma Instituição Superior de carácter público, vocacionada para Ciências da Educação, cuja existência caminha para 30 anos ao serviço do Ensino, Investigação e Extensão. A realidade educativa em Angola mostra um indicador de qualidade em tanto quanto equívoco da missão das Universidades em geral e do ISCED em particular frente as inúmeras e antigas situações problemáticas que o sistema de ensino enfrenta. O cerne desta comunicação é compreender o lugar do ISCED na melhoria da qualidade da educação em Angola. Para o desenvolvimento deste artigo seguiu-se os métodos: reflexivo, descritivo e hermenêutico, com técnicas de observação directa e indirecta, análise documental e entrevista semi-estruturada às entidades gestoras do ISCED. Os resultados da pesquisa mostram que o ISCED tem-se limitado na formação de profissionais de uma forma paliativa e pouco ou quase nada tem feito sobre a investigação e extensão,

Palavras-Chave: Universidade, Ensino, Investigação, Extensão, Angola.

Abstract

The University is an autonomous space and distinctive with regard to produce knowledge, develop and/or correcting axioms; analyze, interpret, and understand the different social phenomena and propose solutions to the social development. The isced is a public institution, dedicated to science education, whose existence is headed for 30 years at the service of Teaching, Research and Extension. The educational reality in Angola shows an indicator of quality in as much misunderstanding of the mission of universities in general and the ISCED in particular forward the numerous old and problematic situations that the education system is facing. The crux of this communication is to understand the place of ISCED in improving the quality of education in Angola. The research results show that the ISCED has been limited in the training of professionals of a palliative way and little or almost nothing has been done about the research and extension,

Key Words: University, Teaching, Research, Extension, Angola.

¹ Docente do ISCED de Luanda e Mestre em Ciências da Educação.

Introdução

A presente e módico artigo que tem como título “ *Ensino, Investigação e Extensão no Ensino Superior em Angola, caso ISCED de Luanda* ”. Título humilde e estranho à primeira vista. Ele traduz uma atitude filosófica de admiração, dúvida e pergunta. O título construiu-se à minha mente: primeiramente quando recebi o correio electrónico do meu benquisto chefe de repartição de Filosofia que me informava e me convidava a participar para às II Jornadas científicas do Departamento de Ciências Sociais, com tema «A Função Social do Profissional das Ciências Sociais».

O tema eleito para as II Jornadas suscitou-me várias reflexões, que a realidade aparece paradoxal, por um lado, os grandes avanços que o país atingiu em pouco tempo de paz no sector da educação no ensino geral: o alargamento da rede escolar em todas províncias, municípios, comunas e aldeias com infra-estruturas de raiz em cumprimento à lei (*Cfr.* Lei nº 17/16, de 7 de Outubro); aprovação do Estatuto Orgânico da Carreira dos Docentes do Ensino Primário e Secundário, Técnicos pedagógicos e especialistas da administração da Educação (*Cfr.* Decreto nº 3/08, de 4 de Março); a regulamentação do processo de avaliação de desempenho da educação (*Cfr.* Decreto nº 7/08, de 23 Abril); a implementação do Regime Jurídico e as condições de exercício de Cargos de Direcção e Chefia nos estabelecimentos de ensino público não superior (*Cfr.* Decreto nº 37/03, de 27 de Junho); a implementação do Programa de Merenda Escolar para evitar o insucesso escolar (*Cfr.* Decreto Presidencial nº 138/13, de 24 de Setembro); O Programa de Reestruturação e Revitalização da Inspeção da Educação desde 2012; O Programa de formação e capacitação trimestral dos gestores escolares, professores e diferentes agentes; a participação das crianças em concursos de Olimpíadas do saber a nível da SADC e entre outros avanços.

Por outro lado, o sector da educação em Luanda e Angola, enfrenta vários problemas: escolas com níveis de des governação acentuado; professores que não dominam o sistema de avaliação, professores com dificuldades na elaboração de planos de aula; problema de falta de pontualidade e assiduidade dos directores, professores e alunos no ensino geral em muitas escolas; muitos professores que não dominam conteúdos por eles leccionados, a título do exemplo: Língua Portuguesa, Matemática, Educação Moral e Cívica, Educação Manual e Plástica, Educação musical, Educação Física e tantas outras; os manuais didácticos, conteúdos

com erros de sistematização; Directores, professores e alunos percorrem longas distâncias todos os dias para chegar à escola; gravidez precoce nas escolas; o problema de assédio sexual; o fenómeno de mata aulas; o paradoxo salarial (uns ganham bem, mesmo não reunindo critérios exigidos pela Lei, e outros ganham pessimamente mesmo reunindo critérios exigidos pela Lei); alunos com graves dificuldades de aprendizagem; níveis elevados de dislexia, disgrafia e discalculia; o ano lectivo nunca se começa a data prevista no calendário escolar; os sindicatos dos Professores (SIMPROF e SINPTENU) o caderno reivindicativo nunca fecha, sempre ameaçam greve num jogo de pirlampo com entidade patronal.

Perante essa realidade que não é preciso ser especialista para constatá-la, mas precisa de especialista para compreendê-la e ajudá-la a mitigar os seus efeitos através das causas, levou-me a questionar sobre o papel social das nossas universidades em Angola em geral e do ISCED em particular.

E por fim reflecti de maneira interrogatória: se o ISCED pela sua essência é um instituto de formação de Ciências da Educação, donde vem os estudantes que ingressam nele? E onde são colocados ou enquadrados os que nele finalizam? Qual é a parceria que o ISCED de Luanda tem com as Instituições médias de Formação de Professores, como por exemplo: “Garcia Neto”, “Magistério Primário”? Qual é o nível de parceria que o ISCED tem com Gabinete Provincial da Educação de Luanda para o enquadramento profissional dos técnicos formados no ISCED? Que convénio o ISCED estabelece com GPEL na profissionalização, capacitação e aperfeiçoamento dos técnicos da educação? Que relações científicas que o ISCED estabelece com INIDE, na elaboração dos programas, manuais didácticos do ensino Geral? Em que o ISCED apoia o Ministério da Educação na concepção e reformulação da política educativa em Angola? Qual tem sido o contributo do ISCED no estudo dos fenómenos educativos? Qual é o lugar do ISCED, para o desenvolvimento sustentável e na melhoria da qualidade da educação em Angola?

Formulado o título, alimentei-me como fundamento epistemológico da presente abordagem: do Decreto n.º 90/09, de 15 de Dezembro, que aprova o regulamento do Ensino Superior em Angola, no seu artigo 4.º que trata especificamente dos objectivos; dos estudos de José Ortega y Gasset, sobre a missão da Universidade; de David Landes sobre a pobreza e a riqueza das nações: por que são algumas tão ricas outras tão pobres; dos autores Gary Rhodes e Sheila Slaughter, na sua obra “Capitalismo Académico na nova economia: Escolha e Desafios” organizado e reflectido em revista em 2009, pelo João Paraskeva, professor do

Instituto Tecnológico de Massachusetts em Boston no EUA, que liderou alguns anos o “ranking” da melhor Universidade do mundo pela qualidade das suas investigações. Boaventura de Sousa Santos sobre “A Universidade no Século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade, publicado em 2010, no qual procurou responder três questões: “o que aconteceu nos últimos anos? Quais as respostas possíveis aos problemas que a universidade enfrenta nos nossos dias? Como caracterizar a situação em que nos encontramos?”. O Professor Doutor Padre (*PhD*) salesiano de nacionalidade argentina, Co-fundador e ex-director do Instituto Superior de (Filosofia e Pedagogia) Dom Bosco, unidade orgânica da Universidade Católica de Angola, numa conferência em 2007 sobre “O Papel da Universidade e do estudante universitário em Angola”, no qual apelava que a universidade pode e deve assumir o desafio de buscar alternativas que contribuam para elaborar estratégias de desenvolvimento sócio-económico, solidário neste mundo globalizado.

Dra Marta Canese de Estigarribia de nacionalidade Paraguaya em 2010, publicou o livro com título: “*Educación Intercultural en la Universidad*”, no qual defende a cooperação internacional universitária como ferramenta para a promoção de uma educação intercultural, no processo acelerado da globalização do terceiro milénio; A mesma autora em 2014 publicou o livro “*Docência Universitária*”, no qual aborda o problema do paradigma integrador, que ressurge com força desde que os povos da região começam a recuperar a consciência da sua autonomia e seu imprescindível protagonismo histórico. O despertar da democracia e da responsabilidade que esta exige do cidadão, a encarar a docência universitária, como preocupação crescente para o desenvolvimento humano, a qualidade social, a conservação do meio ambiente, a redução da taxa de desemprego, a gestão sustentável dos recursos naturais, a segurança, a inclusão social e tantos outros que requerem um tratamento da problemática mais além das fronteiras de cada país (*Cfr.* DE ESTIGARRIBIA, 2014). Brazão Mazula, Moçambicano em 2015, publicou a obra “A Universidade na lupa de três olhos: Ética, Investigação e Paz”, na qual apresenta três comunicações, que versam com maior profundidade epistemológica sobre a universidade de forma geral e a de Moçambique em particular alusivo as celebrações dos 20 anos de paz e dos 50 anos do Ensino Superior em Moçambique. Tuca Manuel, angolano que em 2014, publicou “Culturas Organizacionais da universidade Pública de Angola. Provimento da carreira Docente”, onde apresenta o poder discricionário que vem sendo a caracterização mais marcantes da organização e administração universitária e o Professor Ngangula Miguel de Sousa de igual modo angolano, publicou o ano passado de 2015 “A Formação de professor para o Ensino Superior. Professor nota 20,

Professor nota 0”, onde apresenta a formação de professores para o ensino superior em Angola, como uma aspiração de todos aqueles que procuram um ensino superior de qualidade.

Para o desenvolvimento deste artigo seguiu-se os métodos: reflexivo, descritivo e hermenêutico, com técnicas de observação directa e indirecta, análise documental e entrevista semi-estruturada às entidades gestoras do ISCED. Desde a “Academia” de Platão, a finalidade da Universidade (A Universidade no sentido rigoroso nasce na Idade Média no âmbito escolástico da Igreja Católica, como continuidade da “Academia” de Platão e do “Liceu” de Aristóteles) sempre foi a de formar profissionais de nível superior e investigadores de diferentes áreas do saber. Dada a pertinência e abrangência do assunto, o presente artigo foi abordado numa perspectiva de Filosofia da Educação.

A Universidade e a Sociedade, Relação de Auto-Dependência

Mas, o que é a Universidade? Universidade neste artigo é empregue no sentido lato de instituições de Ensino Superior. Desde o ponto de vista etimológico, o termo “universidade” tem a sua génese na palavra de língua latina “*universitas*” que ganhou protagonismo na idade medieval, para designar as primeiras comunidades de professores e alunos dedicadas ao estudo superior, cujas antecedentes ou origens encontram-se na educação universitária das escolas superiores da Grécia Clássica, dedicadas ao estudo e investigação, fundada pelo Platão e Aristóteles denominadas respectivamente por “Academia” e “Liceu”, cuja essência é a investigação perene dos fenómenos sociais, pelas suas causas, com método reflexivo.

Para MADUEÑA (2007:10), entende que «as Universidade podem e devem ser núcleos dinamizadores que convocam os intelectuais, os profissionais, as personalidades relevantes da cultura nacional» e os cidadãos comuns, comprometendo-os a todos na construção de um desenvolvimento real. Outrossim:

a Universidade é uma instituição social, que pode muito bem assumir como parte de sua missão, a transformação da sociedade para um desenvolvimento sustentável, através da formação de profissionais e da investigação científica. Ela pode e deve assumir o desafio de buscar alternativas que contribuam para elaborar estratégias de desenvolvimento sócio-económico, solidário neste mundo globalizado. (*Idem*)

Para ZUNIGA, 1997, apud DE ESTIGARRIBIA² (2014:13), «a universidade se define actualmente como uma comunidade educativa, crítica e formadora, que tem a obrigação intelectual de ser rigorosa e crítica na definição das suas finalidades». Enquanto (UNESCO, 1997:9), entende a universidade como «a instituição que tem a missão de contribuir para o desenvolvimento sustentável e o melhoramento do conjunto da sociedade»

A Universidade é a única entre as variadíssimas instituições legais no mundo, que tem autonomia e compromisso de fabricar saberes ou conhecimentos, desenvolver e/ou corrigir axiomas epistemológicos; analisar, interpretar e compreender os diferentes fenómenos sociais, políticos, económicos, religiosos, culturais, educativos, em fim e hipotetizar³ soluções para o desenvolvimento social em geral.

Que relação entre universidade e sociedade? Entre ambas estabelecem um casamento religioso, por ser invenção humana. É na sociedade onde a universidade busca o conteúdo para sua realização. É para sociedade onde retorna os resultados do seu esforço investigativo. Daí a sua relação e de auto-dependência.

Para MAZULA (2015:51), nesta perspectiva a riqueza da universidade é «o seu contributo para sociedade [...], é a formação de números cada vez maiores de profissionais competentes [...] o aumento do trabalho de investigação e a função educadora de cientistas». Para ORTEGA Y GASSET (2003:45): «na Universidade cultiva-se a ciência mesma, investiga-se e ensina-se a investigar».

Finalidades da Universidade

Qual é a finalidade da universidade? Brasão Mazula (2015:50), afirma que Ortega e Gasset preocupado no seu tempo com a qualidade do ensino superior e com a reforma universitária na Espanha, seu país natal, recorda-nos três funções do ensino superior ainda actuais na nossa realidade: «i) a “transmissão da cultura da humanidade; ii) O “ensino das profissões” e iii) a “investigação científica e a educação de novos homens de ciência».

² Marta Canese de Estigarribia. Esta autora escreve em Espanhol. No entanto, a tradução em português é da minha autoria, com a autorização da autora na condição de ter sido minha professora no curso de mestrado.

³ Aplica-se aqui o termo “hipotetizar” para caracterizar a volatilidade da verdade científica frente às dinâmicas sociais.

Cá em Angola, o Decreto n.º 90/09, de 15 de Dezembro, aprovado em Conselho de Ministros, apresenta a preocupação pela necessidade de se melhorar a qualidade dos serviços prestados pelas instituições de ensino superior devido ao aumento de instituições de ensino superior públicas. O artigo 4.º (Objectivos), do regulamento do Ensino superior aponta os objectivos do subsistema de ensino superior como:

a) Preparar quadros com formação científico-técnica e, cultural em ramos ou especialidades correspondentes a áreas diferenciadas do conhecimento; b) realizar a formação em estreita ligação com a investigação científica orientada para a solução dos problemas postos em cada momento pelo desenvolvimento do País e inserida no quadro do progresso da ciência, da técnica e da tecnologia; c) preparar e assegurar o exercício da reflexão crítica e da participação na produção; d) realizar cursos de graduação e pós-graduação ou especialização, para a superação científica e técnica dos quadros de alto nível superior; e) promover a pesquisa e a divulgação dos seus resultados, para o enriquecimento e o desenvolvimento multifacetado do País; f) promover acções que contribuam para o desenvolvimento das comunidades em que as instituições estão inseridas.

A Universidade seja pública ou privada quando caí num vazio óptico ou desvia-se da missão pela qual foi criada, o Ministério do Ensino Superior deve ter a ousadia e a coragem de encerrar oportunamente as portas dessa universidade como já o tem feito e muito bem para desencorajar práticas que não dignificam a universidade Angolana. Não é uma questão de vigiar as Instituições que o Ministério faz para cumprir este decreto. Mas, a verdade é que as próprias Universidades devem ter a consciência de estar auto-reguladas e auto-avaliadas constantemente. Isto dá verdadeiramente a liberdade necessária às Instituições para crescer na sua genuína finalidade. Sem a avaliação institucional não há progresso nem qualidade.

Pilares para qualidade universitária

Que elementos condicionam a qualidade universitária? São os que aqui chamo de *medula - rácio* do Quociente da Inteligência Universitária. Isto é, uma cumprida lista de acções concretas que devem estar inseridas no ideário próprio de cada Instituição universitária para a sua identidade:

a) A Liderança das Instituições Universitárias: Segundo (MANUEL, 2014:107): «o estudo da cultura organizacional pode construir também um mecanismo de percepção das razões de eficácia e de eficiência através da tomada de decisões céleres e substantivas nos

mais diversos contextos organizacionais». Na mesma perspectiva professor Tuca Manuel continua e faz compreender que a comunidade científica vem encarando a cultura organizacional como parâmetro definatório das características centrais das organizações e também conceito diferenciador das identidades das organizações. Dado que a universidade goza da liberdade académica, científica e de ensino, as entidades gestoras que lideram as instituições universitárias, devem ser eleitas pelos actores que intervêm directamente na universidade: Conselho Científico, Faculdades, Departamentos, Repartições, regentes de cursos e Professores. A ocupação de assento do macro-líder por via da eleição permite “*ipso facto*”, por um lado, que o poder esteja assente na instituição e não na pessoa; e por outro lado, permite o macro-líder e os micro-líderes não se desvinculem dos interesses da ciência, pelos quais foram eleitos, sob pena da sua destituição em caso do excesso de zelo.

b) Apartidarização dos Agentes Universitários: O rigor que a Universidade imprime sobre a sociedade, leva-me a pensar na apartidarização dos fazedores da opinião e da ciência. Veja por exemplo: através de uma investigação inédita, o investigador da economia provar por factos concretos e palpáveis, que a actual crise económica em Angola foi arquitectada por Ministro das Finanças. Sendo ambos membros da mesma confraria partidária, humanamente falando, esse pesquisador não tem a liberdade científica, nem liberdade académica para ensinar, nem tão pouco publicar os resultados da sua investigação. Este exemplo é apenas simbólica e por ser tema de actualidade, pode-se criar ou pensar em outras equiparadas a essa. Nesta ordem de ideia, os partidários devem olhar para universidade com “amor” autêntico, que os ajudam no seu crescimento e desenvolvimento. Aliás a sua relação é de complementaridade.

c) Unidade na Diversidade: a Universidade é complexidade e a complexidade é a essência da universidade. Etimologicamente, «a palavra “complexo”, provém do latim “complexus” significa “que abraça”, “que liga”» (MORIN, 2003:43), do verbo latino *complector, eris, plecti, plexus sum*. *Complexus* é participio passado do verbo “*complector*”. A partir desse entendimento etimológico, Edgar Morin entende *complexus* como «o que é tecido em conjunto», como são a vida, a sociedade humana, o comportamento humano, o pensamento, a cultura, a morte, etc. Para MAZULA (2015:16), a Universidade é uma instituição complexa, «uma vez que ela é tecido ao mesmo tempo de acontecimento, acções, interacções, retroacções, determinações, concertações, pontos de vistas divergentes, debates,

acertos e acasos que constituem o seu mundo fenomenal, no qual se auto-eco-organiza extraordinariamente», produzindo a sua autonomia, assente ao equilíbrio entre a unidade e a diversidade. Ora, a unidade na diversidade, como “*modus vivendi*” da complexidade universitária, pressupõe a liberdade de pensamentos que convergem na mobilidade da identidade universitária. Esta categoria de complexidade deve ser heterogénea desde a composição epistemológica do “rácio” filosófico (vários campos do saber), composição cultural e étnica dos seus agentes. A universidade funda-se na democracia que abre e promove no Ensino Superior, o debate aceso e perene, sem restrições e preconceitos de qualquer ordem.

d) Docência e Pesquisa: Pensar na qualidade do Ensino Superior é pensar na qualidade do seu corpo docente, um indicador indispensável para identidade universitária. O Pacote legislativo do Ministério do Ensino Superior aprovado no pretérito ano de 2014, como um grande avanço para o país na política do Ensino Superior, proveniente da auscultação em aprovação na casa das Leis. Este dispositivo legal no seu artº 201 determina que, (MES, 2014:94):

I- O quadro de pessoal docente das Instituições do Ensino superior pública, público-privado e privada deve ser composto por um mínimo de 50% docentes em regime de tempo integral e de exclusividade para cada curso, devendo esta percentagem aumentar em 15% a cada ciclo de formação.

II- a percentagem mínima de docentes em regime de tempo integral e de exclusividade para cada curso obedece a seguinte distribuição: a) 30% de docentes devem ter o grau académico de doutor; b) 20% docentes devem ter grau académico de mestre.

III- as Instituições de Ensino Superior devem especificar nos seus planos de acção e no plano de desenvolvimento institucional, o horizonte temporal de formação de um corpo docente próprio, adequado em quantidade qualificação pedagógica.

Para SOUSA (2015:127): «são os professores bem formados que ajudam na formação dos cidadãos de qualquer nação». Tal como a universidade se nutre de pesquisas científicas, que só é possível quando os docentes possuem habilidades e competências técnicas e titulação exigida.

O Pacote Legislativo em epígrafe referenciado, faz menção que numa universidade o professor deve ter o grau de Mestre que deve ser docente do nível de Bacharelato e nos níveis seguintes devem ser assegurados pelos Doutores. Apesar do esforço que o estado vem envidando, mas a realidade apresenta um quadro diferente. Sem medo de errar, o corpo docente universitário em Angola é constituído acima da média por licenciados e Mestres, e com um número ínfimo de doutores.

Portanto, existem casos em que por escassez de Mestres e Doutores, pode-se admitir indivíduos com especializações; com licenciatura; por mérito acadêmico (estudante de honra); por mérito científico (estudantes com pesquisas inéditas) e mesmo até indivíduo sem titulação acadêmica (gênios pela sua contribuição à ciência). Por exemplo: A história de Filosofia da Educação está cheia de pessoas que sem ter titulação acadêmica revolucionaram a ciência, como os sofistas, os Pré-socráticos, Sócrates, Platão, René Descartes, etc. Actualmente: Kodjo Afate Gnikou (estudante do Togo e criador da impressora 3D); Ludwick Marishane (estudante sul Africano e criador de Dry Bath); Steve Jobs (Ex- Director da Apple); Bill Gates (Director da Microsoft); Mark Zuckerberg (criador do facebook); Francisco Lubota Bufeca Zau (angolano, estudante no curso de matemática no ISCED-Luanda e criador da maquete do gerador à água, através da energia dinâmica independente); Eugénio Soares (angolano, estudante da Engenharia ambiental e criador da “oficina de compostagem”); parteiras tradicionais com tantos anos de experiência. Com essas personalidades como professores na universidade é sem dúvida uma mais-valia, uma vez que contribuíram para o avanço da ciência, ultrapassando em alta medida muitos professores com graus de PhD e Pós- PhD. Na Universidade não basta o grau acadêmico, mas sim, o professor deve investigar e publicar resultados. O docente universitário não deve limitar-se em ser um simples trabalhador da ciência, mas antes demais um fazedor da ciência.

A Universidade é um instrumento social para responder a curto, médio e longo prazo os problemas da sua sociedade fundamentalmente. É lógico para professores e estudantes poderem criar, inovar, questionar, rectificar, inventar coisas e ideias novas, afirmar e refutar axiomas, formar e informar novos paradigmas para ressarcir aos fenómenos sociais, deve ter as condições sociais básicas. Por exemplo: dar um número de aulas e parte do tempo deve ser dedicado à pesquisa; deve ter o subsídio de investigação; deve ter tempo para atender os estudantes; deve ter o salário digno de acordo à Lei (usufruir das promoções de carreira docente), ser promovido de acordo os resultados das investigações realizada. Portanto, o docente universitário deve ter as qualidades de um investigador, inovador, criativo, humilde, pontual, assíduo, rigoroso, sério, responsável, competente, coerente, autêntico e comprometido com a sociedade e com a ciência.

e) Centros de Investigação: Revista, boletins, relatórios Científicos e livros. A Universidade por rigor da ciência deve ter revistas, com periodicidade de publicação trimestral, mensal e anual, além dos livros, boletins e relatórios científicos. Os artigos a publicar devem passar por uma avaliação rigorosa dos membros do conselho científico

acreditado e credenciado, que analisam e dão o parecer favorável à luz dos critérios propostos, pertinência de abordagem e o impacto dos resultados da pesquisa. Por isso, as revistas, boletins, relatórios científicos devem ser classificados por categoria ou classe A, B, C, D e E, de acordo à qualidade da pesquisa, o nível de exigência metodológico, a nova forma ou linha de pensamento que a publicação trás para própria universidade, para sociedade ou para o mundo. As publicações, conferências, jornadas científicas são algumas das condições da identidade universitária, na subida ou descida do ranking. Elas desempenham um papel de rendimento financeiro em convénio com as demais universidades homólogas e outros. Pode ainda desempenhar o papel de intercâmbio académico e do fluxo de informações científicas e dos resultados actualizados das pesquisas. «A Universidade constitui uma das ferramentas chaves do intercâmbio e da investigação cultural para humanidade» (DE ESTIGARRIBIA, 2010:11). A Universidade deve «escutar a experiência dos especialistas e pesquisadores de outros países, incentivando a troca de informações e a circulação do saber que estão na própria origem da instituição académica» (TRINDADE, 1998:12).

f) Editoras universitárias: se na ciência não tem verdades absolutas como afirma K. Popper, isso quer dizer que os resultados das pesquisas devem ser submetidos ao crivo do debate, da crítica, da refutação ou aceitação, que só é possível se as editoras existirem e desempenhar o seu papel de divulgação do saber a tempo oportuno. Na realidade a falta de editoras universitárias tem contribuído grandemente na pouca criatividade dos pesquisadores e na pouca divulgação dos resultados das pesquisas. O que acontece na realidade, a pesquisa até pode ser feita, com resultados pertinentes, mas caso queira publica-lo, há que colocar um “*epokê*”, na pesquisa e passar anos a trabalhar para conseguir o montante avultado do dinheiro que as poucas editoras existentes exigem e arriscar-se em muitos casos em perder o dinheiro e o conteúdo da pesquisa por causa da debilidade funcional de algumas editoras existentes. O empresariado angolano patrocina festas, concursos de mulher mais bonitas (*miss*), músicos, doações de diferentes bens com frequência, programas televisivos, ... e fazem-no muito bem. Parabéns. Mas, deveria também estender a sua mão caridosa para ciência.

g) Acervo Bibliográfico: As bibliotecas são o coração de uma instituição superior, pós a academia faz-se na biblioteca. Em condições normais cada instituição superior deve ter um acervo bibliográfico geral com excelência. Outrossim, deve ter cada faculdade, curso ou departamento uma biblioteca especializada suficientemente apetrechada e com publicações pontualmente actualizada. Como é trivial, que a quantidade de cursos categoriza a Instituição

para Universidade ou Instituto Superior ou ainda Escola Superior, seja uma ou outra a qualidade exigida para produção científica é a mesma.

h) Laboratórios e oficinas: São espaços que concorrem para o exercício de reflexão – acção e acção – reflexão. Com realce, a prática é o critério da verdade. A qualidade de ensino passa justamente pela capacidade do saber fazer. Cada curso deve ter um laboratório de acordo o seu foco prático, onde o aluno coloca em prática a teoria, sem o qual a formação cai no mimetismo de axiomas. Naqueles casos em que o curso não tenha laboratório interno, pode procurá-lo fora. Por exemplo: Museus, casas de culturas, campos de produção, empresas, escolas, bairros, famílias, igrejas, etc. As Instituições devem celebrar convénios de cooperação. Vamos supor por exemplo, que o ISCED celebre o convénio de cooperação bilateral com a escola de Formação de Professores “Garcia Neto”. O aluno que termina a 13ª classe não precisa testar para ingressar-se no ISCED, dado que a escola Garcia Neto é o laboratório dos estudantes do ISCED. De igual modo quando o Ministério de Educação se precisasse preencher o seu quadro de técnicos, bastava pedir a escola Garcia Neto a título de exemplo e ao ISCED, de acordo a necessidade.

i) Extensão: à luz das exigências da universidade contemporânea a extensão é uma condição indispensável para qualidade de ensino, que consiste na socialização do conhecimento e permite que os académicos mantenham concatenados com a realidade e viabiliza a promoção da responsabilidade social da universidade, onde a academia se auto-avalia, perante a co-responsabilidade social na resolução dos seus problemas locais e globais. A universidade deve comunicar e ganhar confiança da sociedade pela capacidade prática de solucionar os seus problemas, das conquistas científicas.

j) Sistema de Informação e Comunicação: A nossa era é caracterizada pela Informação e Comunicação, ambos são processos que organizam a acção. Este sistema constitui a vitalidade imprescindível para o comportamento das organizações, dos grupos e das pessoas. Hoje são imensuráveis os progressos das novas Tecnologias de Informação e Comunicação, mas a verdade é que a Informação e a Comunicação entre organizações, entre pessoas, entre departamentos, entre sectores e secções administrativas nas nossas universidades precisam ainda ser melhoradas. Para Universidades o sistema de Informação e Comunicação é um insumo de indiscutível importância, por um lado, tende a viabilizar o processo de tomada da decisão dos gestores, além de conferir as acções que dele se organizam numa avaliação consciente. E por outro lado, as Universidades devem servir-se das TIC's,

criando sistema de rede de informações por categorias; sistema de internet livre que possa servir o estudante a qualquer hora; sistema de cooperação institucional interna e externa; sistema de telefonia interna; um aplicativo, um software ou um banco de dados da instituição, funcionários e estudantes com acesso através do cartão electrónico para estudante, que lhe dá acesso a variedade de informações sobre o seu estado académico. A título de exemplo, horários de turma; pauta individual; calendário dos exames normais; exames de recursos; exames especiais; conferências; jornadas; palestras; mesa-redonda; visitas de campo; actividades extra-curriculares; entre outras. Os alunos irregulares ficam-lhes coarctados o direito e a liberdade de informação. Evita-se desta forma, expulsar estudantes durante os exames por não pagamento das propinas; atrasos na publicação dos resultados; excessos de burocracia; o excesso de papelouros nos gabinetes e vitrinas; perda de tempo e dos recursos materiais; lamentações e stress na busca de informações.

O resultado da entrevista realizada no ISCED de Luanda

Desembocando no real o Decreto Presidencial nº 146/12, de 27 de Junho tendo sido criado o Instituto Superior de Ciências de Educação de Luanda, instituição do ensino superior pública através do Decreto nº 7/09, de 12 de Maio, do Conselho de Ministros, no seu Artigo 3.º (Missão): O ISCED é uma instituição de ensino superior integrada no subsistema de ensino superior, que tem por missão o desenvolvimento de actividades de ensino, investigação científica e prestação de serviços à comunidade, através da promoção, difusão, criação, transmissão da ciência e cultura, bem como a promoção e realização de investigação científica na área de ciências de educação.

Para obtenção dos resultados da pesquisa, gravou-se duas entrevistas semi-estruturadas com os chefes dos Departamentos de Ciências Sociais e de Recursos Humanos da mesma Instituição respectivamente, com objectivo de ajudar-nos a compreender a realidade do ISCED. A entrevista com chefe do Departamento de Ciências Sociais, Mestre Adérito Manuel aconteceu na sala nº 2 da mesma instituição, pelas 14 horas, que teve a duração de 32m e 36s. A Entrevista com Chefe do Departamento de Recursos Humanos Dr. António Filipe Augusto (recentemente exonerado no cargo), aconteceu no corredor da sala dos professores, pelas 13 horas, com duração de 45m e 30s. A entrevista respondeu sete (7) questões fundamentais. Veja:

1- Na condição de académico e gestor do Departamento, como caracteriza o quadro docente que gere diante das exigências universais do ensino superior?

DCS- *«O corpo docente é heterogéneo. Temos um número elevado de licenciados, um número aceitável de Mestres e um número ínfimo de doutores [...] Eu e outros tantos docentes do ISCED somos fruto do ISCED.»*

DRH- *«Sou fruto do ISCED! Mas, Falar do quadro docente, temos que analisar essa questão nas várias vertentes. Há pessoas que exercem essa nobre actividade que não a teriam exercido. Há aqueles que têm competências académicas, mas o saber fazer e o saber estar faz muita falta. E há ainda aqueles com amor e competência honram a classe docente [...]. Com número insignificante de doutores, com um bom número de Mestres e com um número elevado de Licenciados».*

2- Que avanços já alcançados pelo ISCED verso Departamento no domínio da investigação científica?

DCS - *«Acho que no quadro do domínio da investigação científica, o nosso Departamento não tem grandes avanços nesse aspecto do ponto de vista institucional. Os professores no âmbito da sua formação académica têm promovido algum trabalho científico. Nós temos estudantes na elaboração das suas monografias tem atingido a excelência. A tempo aprovamos as linhas de investigação do departamento, que só falta a sua implementação. De modo geral, falta-nos ainda a cultura de investigação. Vão aparecendo algumas publicações, mas de forma tímida»*

DRH - *«Daquilo que conheço sobre a investigação científica, nós no ISCED ainda não começamos. Aqueles docentes que tentam fazer alguma coisa nessa matéria, fazem-no por meios próprios. Isso, não é normal para uma instituição de ensino superior [...]»*

3- Qual tem sido o contributo do ISCED na resolução dos vários problemas que o Ministério da educação vive?

DCS - *«Não estou suficientemente em condições para analisar assim de forma concreta e objectiva sobre esse contributo, por que a cooperação entre o ISCED com outras instituições ainda não é clara, nem direccionada como poderia aparecer. O ISCED, forma, o Departamento tem preocupação principal de formar formadores, mas não temos ainda uma estrutura que faça o acompanhamento do enquadramento dessas pessoas que nós formamos.*

A nível de Prática docente, os nossos estudantes realizam as suas práticas nas escolas de ensino geral. Já ouvi que o INIDE em determinadas ocasiões, convidou alguns professores do ISCED, mas a título individual e não como vínculo institucional».

DRH - «Vejo certo distanciamento, para não falar do divorcio entre o Ministério da Educação e o ISCED. O Ministério por exemplo, não pode fazer reforma no sector sem envolver o ISCED. O nosso sistema educativo à luz da Lei 17/16 tem três subsistemas, o ISCED como subsistema do Ensino Superior quando não articula com outros subsistemas, quem vai investigar as causas e propor soluções dos problemas que enfermam o ensino geral?».

4- O ISCED de Luanda, tem algum convénio com outras instituições? Como se operacionalizam essas parcerias?

DCS - «Este é um dos problemas que temos vindo a constatar. Tem-se feito pouco! O Departamento tem conhecimento que a maioria das pessoas formadas não está vinculada no ensino, por várias motivações, por que falta de instrumento que regule esta relação. A nível institucional os convénios são feitos pela direcção da instituição».

DRH - «Não sei se existe algum convénio, se existe é no papel e não na prática. O ISCED seria sequência das escolas de Formação de Professores. Portanto, o estudante que faz a escola da Formação de Professores seria prioridade para o ISCED. Os estudantes finalistas do ISCED seriam prioridade para o enquadramento profissional no Ministério da Educação».

5- Como enquadra a hegemonia do ISCED, como única instituição pública vocacionada em Ciências de Educação em Luanda?

DCS - «A prática como critério da verdade, não mostra qualquer hegemonia do ISCED perante às instituições superiores privadas, vocacionadas em ciências da educação».

DRH - «O ISCED não goza de nenhuma hegemonia. A hegemonia detecta-se por acções concretas e não por palavras ou discursos. As políticas em si são bem gizadas, mas falhamos na componente aplicação».

6- Quais as principais dificuldades ou pontos de estrangulamento do ISCED para o alcance dos seus objectos profissionais e científicos?

DCS - «As dificuldades são de vária índole, descrevê-las seria exaustivo. Só sei que precisamos trabalhar muito para colocarmos o ISCED num patamar desejado».

DRH - «A ligação administrativa entre o que está regulamentado e o que se tem feito, torna-se um ponto de estrangulamento. Há muito improvisado na prática! [...]»

7- Num tom conclusivo, qual é o lugar do ISCED para o desenvolvimento sustentável e na melhoria da qualidade da educação em Luanda ou mesmo em Angola?

DCS «O lugar do ISCED de Luanda, os estatutos já trazem elementos pelo menos do ponto de vista formal, já definem quais as tarefas do ISCED e enquanto instituição do ensino superior não está distante daquilo que se aponta como missões do ensino superior que é o Ensino, Investigação e Extensão, componente virada para Educação, apesar do conjunto de tarefas que se esperam do ISCED enquanto Unidade orgânica do Estado Angolano».

DRH - «Não só para o ISCED, mas o ensino superior em Angola, não sei se tem qualificador, na medida em que importamos quadros que vêm com seus modelos que não se enquadram com a nossa realidade [...]. O lugar do ISCED continua o de formar paliativamente os profissionais da educação [...]. Há conjunto de acções concretas, que se esperam do ISCED, enquanto unidade orgânica do estado para educação [...]».

Conclusão e Recomendações

A Universidade é a fábrica do conhecimento válido, verdadeiro e autêntico. Outrossim, é uma das melhores e maiores invenções do homem de todos séculos, desde a Academia de Platão até as actuais e mais prestigiadas Universidades no mundo, como espaço autónomo e distinto com propósito de fabricar conhecimentos para o desenvolvimento da humanidade”. Por isso, estar e fazer parte da universidade, pressupõe uma ruptura de si e comprometer-se com a sociedade na resolução dos seus problemas. Ela caracteriza-se pela busca perene da atitude perante a investigação.

Apesar dos avanços ora, conquistados pelo ISCED, por exemplo: a maior parte dos docentes do ISCED foram estudantes do ISCED e tantos outros inseridos no ensino geral e

nos outros sectores, os meus fortes aplausos e profundo reconhecimento. Outrossim, muito precisa ainda por caminhar, tal como se apresentaram os resultados das entrevistas, o meu contributo circunscreve-se nas seguintes alíneas:

a) A investigação científica é “*conditio sine qua non*” para identidade da instituição e para o desenvolvimento social do país concretamente no sector da educação, que o ISCED revê o seu programa de acção para investigação científica. Por que o ISCED tem capacidade institucional para fazer e ensinar a fazer a ciência. O ISCED deve investigar e publicar os resultados.

b) O ISCED deve celebrar convénios de cooperação efectiva com as escolas de formação de professores sedeados em Luanda como seu laboratório Pedagógico. Estender a cooperação externa com outras universidades do mundo.

c) O ISCED deve criar um centro de capacitação Profissional, onde se vai aprimorar competências Didácticas, teóricas dos agentes educativos do Ensino Geral (Directores, Professores), cuja periodicidade de formação dependerá do nível de lacunas.

d) O ISCED deve ter base de dados das escolas médias donde vêm os alunos que nele se ingressam, de igual modo redimensionar a política de encaminhamento dos formados por meio de um convénio com Ministério da Educação e Gabinete Provincial da Educação respectivamente.

e) O ISCED de Luanda, sendo a única instituição superior pública de cunho didáctico-Pedagógico, deve fazer sentir a sua hegemonia através de acções concretas junto às instituições privadas que leccionam área das ciências da educação.

Com certeza a Universidade angolana de modo geral e o ISCED de modo especial muito tem feito na formação de profissionais. Essa preocupação é justa e tem a sua razão de ser, na medida em que Angola está a passar na fase de construção e reconstrução do país, travado por longos séculos de colonização portuguesa e por longos anos de conflito armado interno entre irmãos da mesma pátria fruto do zelo e prazer incontrolável pelo poder. Mas, a Universidade angolana em geral e o ISCED em especial não pode relegar para o 3º plano a formação de cientistas. A experiência histórica da humanidade mostra claramente que o desenvolvimento dos países esteve sempre o seu pano de fundo, o desenvolvimento da ciência, que fazendo alusão ao Ortega y Gasset e Edgar Morin sobre o ideal da universidade,

que o ISCED faça a ciência com abundância e com a consciência. Permitam-me caros participantes dessa conferência terminar com provérbio chinês que diz: «Se você quer saber como foi o seu passado, olhe para quem você é hoje. Se quer saber como vai ser o seu futuro, olhe para o que está fazendo hoje».

Referências Bibliográficas

- DE ESTIGARRIBIA, Marta Canese. *Docencia Universitária. En la Integración del Mercosul*. Paraguay: MARBEN, 2014.

------. *Educación Intercultural en la Universidad: reflexiones y Aportes a la cooperación universitária Internacional*. Paraguay: MARBEN, 2010.

- LANDES, David S. *A Riqueza e a pobreza das nações: Por que são algumas tão ricas e outras tão pobres*. Trad. Lucinia Azambuja. Lisboa: Grávida, 2002.

- MADUEÑA, Walter Marcelo. *Conferência sobre “o papel da Universidade e do estudante universitário”*. Universidade Católica de Angola. Luanda: ISDB, 2007.

- MANUEL, Tuca. *Cultura (s) Organizacional (ais) da Universidade Pública de Angola. Proveniente da Carreira Docente*. Angola: Huambo, ISPSN, 2014.

- MAZULA, Brasão. *A Universidade na lupa de três olhos: Ética, Investigação e Paz*. Moçambique: Maputo, Imprensa Universitária, 2015.

- MIGUEL DE SOUSA, Ngangula. *A Formação de Professor para o Ensino Superior: Professor nota 20. Professor nota 0*. Brasil: Curitiba, Edições Fabiana, 2015.

- MORIN, Edgar. *A Cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Trad. Eloá Jacobina. 7ª Edição. Brasil: Rio de Janeiro, Bertrand, 2002.

- ORTEGA Y GASSET, José. *Missão da Universidade e outros textos*. Trad. Filipe Nogueira. Portugal: Coimbra, Angelus Novus, 2003.

- RHODES, Gary e SLAUGHTER, Sheila. “*O Capitalismo Académico na Nova Economia: Escolhas e Desafios*”. In: «Capitalismos Económico». PARASKEVA, João M. (Org.). Trad. Maria Correia. Edições Pedagógica, 2009.

- SANTOS, Boaventura de Sousa. *A Universidade no Século XXI: Para uma reforma democrática e emancipatória da universidade*. 3ª Edição. São Paulo: Cortez Editora, 2010.

-Decreto nº 07/09, de 12 de Maio.

-Decreto nº 90/09, de 15 de Dezembro.

-Decreto Presidencial nº 146/12, de 27 de Junho.